

Ensino de línguas adicionais no Brasil: caminhos para uma devolutiva decolonial com Ivanete da Hora Sampaio

Ivanete da Hora Sampaio

Entrevistadores:

José Mauro Ferreira Pinheiro (UERJ)

Laura Fraga Maia (UFRJ)

PALIMPSESTO

1) O conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2020) atravessa a sua pesquisa. Como a escrita de si pode se tornar uma prática epistemológica e política no campo do ensino-aprendizagem de línguas adicionais? Quais relações entre subjetividade e pesquisa estabelecem-se na sua trajetória como uma mulher negra e professora pesquisadora nesse campo?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Para começar, gostaria de parabenizá-los pelo termo *línguas adicionais*, porque percebo pela pergunta que vocês estão também nesse movimento de abertura decolonial e as línguas adicionais fazem parte dessas discussões. Já que a gente quer virar a chave, então vamos ver a questão das línguas *estrangeiras*: estrangeiras para quem? Começar nossa conversa com a discussão sobre línguas adicionais já é um movimento decolonial que estamos fazendo, a partir das coisas que nos interessam e do nosso território. Começa por aí. Quando vocês falam de línguas adicionais, penso nas pessoas que estão discutindo sobre isso na Linguística Aplicada Crítica – faço parte dessa área, fui formada pela Universidade Federal da Bahia e pelo grupo da Linguística Aplicada. Eu me identifiquei com a Linguística Aplicada Crítica, que vem trazendo todo um movimento de discussão das questões raciais. Esse movimento, esses grupos, essas pessoas, quando começam a discutir as questões raciais, elas discutem a partir de suas próprias experiências. E o que são as experiências negras que Conceição Evaristo sintetizou com a *escrevivência*?

Principalmente por eu ser uma mulher negra, são as escrevivências de Conceição Evaristo que vêm traduzir esse meu sentimento de estar em determinados espaços, em diferentes espaços. Para chegar a essa escrita de si não foi um caminho fácil, porque entrei na academia muito jovem. Sou formada em licenciatura em Letras, fiz Inglês e Educação Física. Fui formada pela Universidade Católica, depois fui fazer o mestrado aqui na Alemanha, depois volto para o Brasil e vou fazer o doutorado. Essas universidades foram me moldando, mas elas foram me moldando em um espaço, vamos dizer assim, em umas caixinhas de pensamento bem linear. Para eu poder sair desse lugar e conseguir falar um pouco de mim, da minha trajetória, foram muitas dores, muitos percalços, muitas discriminações. Estando nesse espaço, fui me fortalecendo através dos meus pares, dos meus amigos, minhas amigas, meus alunos, das minhas colegas, da minha família. Quando comecei o doutorado, pensei logo em trazer todas essas discussões para o ensino de alemão. Como falo sempre nas minhas palestras, eu estava inserida nesses grupos da Linguística Aplicada, eu via as pessoas discutirem o espanhol a partir da América do Sul, o francês a partir dos países francófonos, o inglês a partir da Nigéria, da Índia, do Caribe. Então, eu já vinha pensando: se essas pessoas estão deslocando essas línguas ditas hegemônicas para o nosso lado, para pensar a partir de outros espaços, e a língua alemã? Quem está falando sobre a língua alemã fora da Alemanha, da Áustria e da Suíça? Está falando como, de quem, a partir do quê? Comecei a ficar curiosa com isso, comecei a procurar. Quando cheguei na minha qualificação, cheguei com a ideia inicial do meu projeto de doutorado de discutir essas questões na formação de professoras de alemão. Era a minha ideia, porque minha orientadora, professora Edleise Mendes, e mais tarde a minha co-orientadora, professora Terezinha Oliveira Santos, fazem parte da área de formação de professores. Pensei que a minha pesquisa, o meu projeto que iria se tornar uma tese, seria também criando uma unidade didática, fazendo workshops e grupos com professores. Só que tive duas questões: primeiro foi a pandemia, que me impossibilitou de fazer entrevistas e levar adiante essa pesquisa com as professoras. Quando a pandemia chegou, eu estava já aguardando a resposta do comitê de ética para fazer um workshop com as professoras e para observar a aula, fazer entrevistas com elas. Mas, quando veio a pandemia, não tive coragem de pedir à professora nenhuma que se tornasse o meu sujeito de pesquisa, que respondesse meus questionários. Foram muitos meses, muito delicados, com muitas perdas, e nossas professoras e professores, meus colegas, minhas

colegas, todas estressadas, um estresse emocional e psicológico. Foi bem complicado. Simplesmente não tive a oportunidade de fazer esse trabalho com as professoras diretamente. Na minha qualificação, quando a banca leu as primeiras páginas da minha tese, eles foram unânimes em dizer: olha, pela sua trajetória, pelas palestras que você fez, pela sua publicação, ficou nítido de que seria muito mais importante para as pessoas que estão na graduação, para as pessoas que estão se interessando em se tornar professoras de alemão, que elas conhecessem a sua história e que essa história servisse de estímulo, de motivação para que elas percebessem que é possível. Eu tomei isso muito no peito, fiquei muito agoniada durante vários meses. Como assim a minha vida, a minha trajetória vai se tornar uma tese de doutorado? Não. A gente cai no lugar do autoboicote, no lugar da falta de valorização de si mesmo, a gente cai em todas essas caixinhas que a sociedade sempre nos colocou, e quando eu falo nos colocou, é no lugar de mulher negra. Eu mesma não valorizei e não achei que fosse possível transformar a minha trajetória numa tese. Bloqueei durante muitos meses essa possibilidade e isso foi difícil para mim, entender esse lugar, e realmente começar a escrever a partir do meu olhar. Então foi muita terapia, babalorixá, yalorixá, todos os santos, todos os budas, tudo quanto é vertente de energia positiva. Eu, inclusive, faço esses agradecimentos na tese, porque eram pessoas de várias religiões e várias vertentes rezando por mim e me dando força pra que eu acreditasse que essa força, essa potência da escrita de si era a escrita de mim mesma. Pensei: se é pra escrever sobre mim, se é pra falar sobre toda a minha trajetória até aqui, então tenho que procurar meus pares, porque eu não quero que simplesmente pareça um diário. Tive que incorporar essas ideias mesmo: sou uma acadêmica preparando uma tese para me tornar uma doutora. A academia não está preparada para me receber, mas tenho que me preparar pra que ela me aceite. São duas coisas diferentes. Por mais que a gente queira pensar na subjetividade, pensar em um virar de chaves, a gente precisa ter ferramentas. A gente precisa ter “armas”. Fui buscar na epistemologia, na ciência, quem já estava discutindo sobre isso, pessoas que pudessem ser os meus e as minhas delegadas. Por isso, Conceição Evaristo esteve comigo o tempo todo, me acompanhando. Fui buscar o Aldri Anunciação, que é um dramaturgo, um diretor de filme, de teatro. Com ele trouxe elementos do teatro, para que eu pudesse, no meu texto, utilizá-los não de uma forma distópica, porque a minha trajetória não é uma distopia, a minha trajetória é uma realidade. Eu queria virar essa chave na tradição da academia de uma forma consistente, consciente e epistemológica.

Fui buscar as contribuições da pesquisa sobre biografia, narrativas, autobiografia, por exemplo, com o livro organizado pelo professor Ronaldo Corrêa Gomes Júnior, da UFMG. Fui buscar na professora Aparecida de Jesus Ferreira, hoje aposentada, professora da Universidade de Ponta Grossa, que já faz esse trabalho há muito tempo. Percebi que a pesquisa dela tinha muito a ver comigo, porque a professora Aparecida se baseia na Teoria Racial Crítica, que nasce nos Estados Unidos, no campo do Direito, e que veio traduzir toda essa epistemologia negra, veio mostrar que as histórias trazidas pelas pessoas negras fazem parte da ciência, sim. Fazem parte do dia a dia e trazem também conhecimento. Temos que aprender como visibilizar essas histórias. A professora Aparecida Ferreira estuda todos esses teóricos e essas teóricas e traz para a gente no Brasil a discussão do Letramento Racial Crítico. Foi esse letramento e essa pesquisadora que me acompanharam também nessa trajetória para concluir o doutorado. Trazendo para o nosso campo da licenciatura, da graduação, da educação linguística crítica, essa escrita de si vai falar do lugar de alguém que construiu a sua vida a partir de uma menina que sonhou em ser professora. O ser professora, para mim, veio naturalmente, porque eu gostava disso desde a infância. A academia me moldou, mas eu consegui, no movimento espiralar, dar a volta em vários círculos. Não vou dizer que foi o último círculo, porque gosto sempre de estudar e de estar aprendendo, mas nesse último círculo que foi completar o doutoramento, eu dei a devolutiva decolonial para a academia. Essa devolutiva decolonial que eu dei para a academia foi dizer para a academia: olha aqui, vocês tentaram me moldar, mas *eu* é que estou moldando vocês, porque minha tese foi uma tese de uma narrativa autobiográfica, falando de ciência, falando de formação de professores, criticando todo o processo dentro da academia e fora dela. Não foi uma crítica simplesmente destrutiva, porque criticar não é destruir ninguém. Criticar é você mostrar que entendeu e entende do que está falando e está procurando mudanças e melhoras. Fui muito respeitosa na minha tese e muito pontual em várias coisas. Falo sobre como a academia conseguiu me formar e o que foi que eu consegui formar na academia. Por isso, a escrita de si é importante para o nosso processo, porque nós estamos formando professoras e professores que vão influenciar outras pessoas. Essas pessoas precisam ser sensíveis e entender que cada aluna e cada aluno que vem para a nossa sala de aula vem com um baú cheio de saberes. Esses saberes precisam ser respeitados. Eles podem ser adaptados ou adaptáveis a muitas regras da academia que a gente às vezes tem que esperar

muito para mudar. Mas eles não devem ser apagados, nem invisibilizados. Essa foi a minha contribuição da escrita de si e essa é a forma que eu entendo a escrita de si para um trabalho acadêmico.

PALIMPSESTO

2) Você comenta ter observado, no âmbito do ensino de línguas adicionais, discussões quanto a incluir outros falantes. Mas, no caso do alemão, faltava esse movimento. Isso me faz pensar muito no fato de pesquisadores alemães falarem com muito afeto do chamado *DACH-Prinzip*¹ (IDV 2013). Para eles, a grande contribuição que eles estavam fazendo era tirar o foco do alemão da Alemanha e incluir a Áustria e a Suíça. Mas, olhando a sua trajetória, sair da Alemanha e expandir para a Áustria e Suíça é quase nada. É a dobra da primeira página desse livro que você escreve.

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Sim, isso é muito delicado, porque a distância é muito grande para as pessoas entenderem esse lugar. Precisa de muita coragem. Você se enxergar dentro de uma discussão decolonial, antirracista, feminista, dentro de uma discussão de respeito à acessibilidade. Você precisa entender e se enxergar, entender qual é o seu lugar. Quem sou eu dentro dessas discussões? Se você não consegue se enxergar dentro dessas discussões, você fica ou no lugar de vítima, ou você isola, apaga e pensa que, não, dessa discussão eu não dou conta. Exemplos: “Eu não dou conta de discutir antirracismo porque tenho pais que sempre foram racistas. Então, não vou brigar com minha família toda por isso”. “Eu não dou conta da discussão feminista porque tenho um marido muito machista. Vou perder meu marido, vou perder todo o resto, meus irmãos são machistas, vou brigar com meus irmãos”. Ou seja, a pessoa tem que estar muito segura de si, de onde está, aonde quer ir com essa discussão e de que forma pode contribuir para esse debate. Sim, a Alemanha se

¹ O princípio DACH trata, em linhas gerais, da inclusão de variantes linguísticas e questões culturais referentes aos países de língua alemã no ensino de alemão. Na sigla, o “D” representa *Deutschland* (Alemanha), o “A” está para Áustria e o “CH” está para a Suíça (*Confoederatio Helvetica*).

abriu, o DAAD² se abriu para as parcerias com outros países que falam alemão. Aí vem a Áustria e a Suíça. Mas a Namíbia também fala alemão. A África do Sul também. A Papua-Nova-Guiné, perto da Austrália, também fala. Não é possível que eu, com quase 60 anos, vou descobrir que na Papua-Nova-Guiné tem uma língua crioula-alemã. Eu vim descobrir isso agora. Então, assim, onde estão essas informações? Temos uma universidade aqui em Augsburg que pesquisa sobre isso há muito tempo, mas eu nunca vi Jena falar sobre isso, ou Heidelberg, universidades por onde eu passei. É um lugar muito confortável quando você diz assim, “não, eu sou antirracista, tenho até uma amiga negra” - essa é uma frase bem tradicional. Bom, essa pessoa só conseguiu chegar até aí. Mais do que isso, ela não vai chegar. E está tudo bem, gente. Essa pessoa não vai chegar, mas, contanto que ela não me prejudique... Porque a questão da prática política é essa: se você não quer participar da luta antirracista, então faça de tudo para que você não prejudique a luta. A gente fala de escorregar no quiabo, que é o seguinte: se a pessoa não enxerga de que forma ela pode ajudar a prática antirracista, ela acaba nos prejudicando, porque ela vai tomar decisões. Quem tá com a caneta na mão é ela, e aí ela não enxerga, vai dar oportunidade para outras pessoas e não vai dar oportunidade para nós, negras. E aí diz “ai, não sabia!” ou “desculpe!”. São desculpas que às vezes são complicadas de aceitar. É nesse sentido. Então, para mim, eu não espero muito, sabe? De que eles vão passar da Alemanha, Áustria, Suíça. Não vão. E quem avançar, ótimo, muito obrigada. É nesse sentido.

PALIMPSESTO

3) Em seus trabalhos, a língua aparece como algo em constante movimento, que entrelaça tempo, espaço e linguagem, dialogando com o conceito de Sankofa. O que esse olhar nos permite enxergar sobre a linguagem de forma geral e o ensino de línguas no Brasil?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Quando eu utilizo a perspectiva Sankofa, uso a representação do pássaro que tem os pés para frente, o corpo para frente e a cabeça para trás. E no bico leva algo, uma esfera, um

² DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) é o serviço alemão de intercâmbio acadêmico. Promove o intercâmbio de estudantes, professores/as e pesquisadore/as, oferece bolsas de estudo e apoia a internacionalização das universidades alemãs.

ovo, uma bola, o mundo. Busquei a definição de Sankofa nas pesquisas de Abdias Nascimento e de Elisa Nascimento, sua esposa, antropólogos e pesquisadores que deram uma contribuição muito grande para o movimento negro no Brasil, principalmente o Abdias Nascimento. Quando falamos de linguagens, de ensino de línguas, precisamos fazer uma retrospectiva. Se a gente pensa, no caso, o ensino de alemão, a gente tem que pensar em como é que essa língua alemã chegou no Brasil. E aí precisamos ir lá pra trás. Comemoramos, no ano passado, 200 anos de imigração alemã. O que significam esses 200 anos? Estou tentando terminar agora um artigo que é justamente sobre qual é o meu olhar como uma mulher negra para esses 200 anos de imigração alemã. Como é que uma pessoa negra enxerga esses 200 anos? Falamos sobre a concepção de língua, da língua em uso. Se você vai ensinar alemão e você parte do princípio que a língua é de quem fala, a língua não tem dono, a língua não é do alemão, do francês, do italiano, do inglês, a língua é de quem fala. O alemão que eu falo é o alemão de Ivanete - se ele vem com sotaque baiano, se ele vem com alguns erros de declinação, se ele vem com uma forma diferente de falar, essa é a forma como Ivanete aprendeu e a forma como Ivanete está falando. E parece que ela está sendo bem entendida, porque senão ela não teria sido requisitada por professores e pesquisadores de universidades na Alemanha para poder falar sobre esses assuntos em alemão. Ou seja, o alemão que Ivanete fala é o alemão dela. Se você vai ensinar alemão, você precisa saber que língua é essa, quem é que fala essa língua, de onde fala. Se você está numa cidade como São Paulo, com um grande número de imigrantes, você olha para o lado, na sua sala de aula, para os bairros onde a universidade está funcionando, e você sabe que existem comunidades de pessoas teuto-brasileiras. Você precisa saber de onde elas vieram, por qual motivo vieram, como vieram, para você tentar entender e respeitar essas línguas, porque são línguas brasileiras, línguas teuto-brasileiras. Como é que a gente está ensinando o *Hochdeutsch* em sala de aula e a gente não sabe que existe o *Plattdeutsch*, que existe o suábico, que existe o *Hunsrückisch*, que existe o pomerano, que também são línguas alemãs? Eu não estou dizendo que se você foi contratado para ensinar alemão, você vai ensinar pomerano. Quero dizer que, para a língua chegar até o aluno, a gente precisa fazer com que essa língua, essa cultura, se torne atraente. No momento que um brasileiro entende que, dentro do Brasil, existem seis línguas alemãs, então essa língua e essa cultura não ficam tão distantes. De que forma esse movimento Sankofa vai influenciar lá na frente no ensino-aprendizagem de uma

língua? Influencia porque preciso saber como essa língua chegou, porque essa língua está me afetando, porque tive interesse em aprendê-la. A gente volta, assim, ao passado. O Brasil é o lugar com as maiores comunidades alemãs de colonos. Em determinada época, os alemães chegam, recebem terras, são apoiados pelo governo e dentro desses espaços existem pessoas escravizadas que não receberam nem um metro quadrado de terra para continuarem cuidando das suas famílias e de si próprias. Dizem que os imigrantes vieram com ferramentas e com tecnologia. Mas quem construiu as pirâmides fomos nós, os algoritmos da IA foram criados pelos africanos. Não podemos mais aceitar os argumentos de que as pessoas escravizadas que estavam aqui no Brasil não sabiam cuidar da terra. Os quilombos estavam aí, e os remanescentes de quilombos, os quilombolas, estão aí para nos provar o contrário. Tudo isso faz parte do ensino-aprendizagem de línguas. A gente não precisa ser especialista em história, em sociologia, antropologia, mas a gente precisa ter um pouco de consciência de que as línguas são faladas por pessoas e essas pessoas têm origem. Quando a gente usa a palavra origem, estamos falando de passado, é Sankofa. É nesse sentido que eu sempre repito nas minhas palestras, nas minhas falas, como estou dizendo para vocês: é importante a gente conhecer presente, passado e futuro. No passado, no Brasil, as línguas teuto-brasileiras chegaram e foram motivos de união e de fortalecimento das pessoas. Mas, nesse mesmo passado, o Estado Novo proibiu que os brasileiros falassem qualquer outra língua adicional. Foi uma perseguição, uma caça às bruxas a quem falava japonês, italiano, alemão, croata, russo. Isso é passado. No presente, estamos em escolas particulares e públicas ensinando a língua alemã. E qual é o futuro dessa aprendizagem? Que a gente transforme esse conhecimento, essa aprendizagem dessa língua em possibilidades e em poder. Essa língua precisa ser acessível a todos. Temos que pensar nessas três dimensões de tempo, espaço e território.

PALIMPSESTO

4) Parecemos estar diante de uma virada decolonial em curso. Nesse sentido, como podemos imaginar o ensino de línguas adicionais por uma perspectiva decolonial? Qual poderia ser a nossa devolutiva decolonial, ou, nos termos de Menezes de Souza, nossa resposta do Sul (Menezes de Souza; Hashiguti, 2021)?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Como eu comentei anteriormente, quando vocês trazem o termo *línguas adicionais*, essa já é uma devolutiva. Falar sobre línguas adicionais é falar sobre uma perspectiva decolonial. Às vezes, depois que termino uma palestra, as pessoas querem uma receita de bolo: como é que a gente faz mesmo para ser decolonial? Eu ouço e me digo: tenha paciência que você é professora... Até o menino que faz pergunta boba, você responde. Mas, como eu falei anteriormente, a distância é muito longa. Se as pessoas não conseguem viajar, não conseguem pegar a velocidade para chegar até a gente... Olhem a tartaruga, ela vai devagar e chega a outro lugar. Mas algumas pessoas, não: elas param no meio do caminho. Você está no Brasil e está dando aula de alemão, como você poderia estar aqui, na Alemanha, também dando aula de alemão. É a aula, é a língua, é o ensino-aprendizagem que você desloca para todos os espaços do mundo. Vou citar um exemplo: saiu um edital para escrever um módulo sobre racismo que faria parte de um curso de formação continuada do Instituto Goethe³. Pensei, vamos lá, vamos formar uma equipe para entrar na concorrência por esse edital. Bom, é o Instituto Goethe, sua central de Munique, é a língua alemã. Vem um edital para falar sobre racismo. Tem que ser com a gente! Então, o que é que eu faço? Formo uma equipe composta por estudantes. Formei uma equipe com mestrandas e mestrandos, doutorandas e doutorandos que estão na linha de frente ensinando alemão. Quem melhor do que essas e esses profissionais que estão na linha de frente, ensinando essa língua e que são pessoas negras? Nesse ponto vem de novo o que vocês me perguntaram antes, sobre a escrita de si. São essas e esses professores que vão construir esse material. Não é dizer que a equipe foi 100% de pessoas negras, não. A gente precisa também de pessoas brancas, pessoas não-negras para esse debate. Senão, vai de novo a perspectiva unilateral. Mas o que é que deslocava a gente? Estávamos em várias dimensões, porque fomos também formados pelo Instituto Goethe, somos suas alunas e seus alunos. Mas estamos fazendo um material para formadores, usado para formar professores e utilizado por esses professores para ensinar alunos. Estávamos em quatro dimensões diferentes. Tínhamos que nos deslocar para esses quatro lugares, pensando na delicadeza que teria a pessoa que fosse usar esse material. Vamos partir do

³ O Instituto Goethe (Goethe-Institut) é o instituto cultural de âmbito internacional da Alemanha. Consta no seu website que promove “o conhecimento da língua alemã no exterior e o intercâmbio cultural internacional” (Goethe-Institut, 2025).

princípio que a pessoa tem conhecimento do assunto? E se for uma pessoa que não tem conhecimento algum do assunto? Mas precisa ser interessante, ou seja, o que estamos trazendo de novidade para que não fique monótono? Eram muitos detalhes, mas conseguimos terminar o material. Isso significa que a Alemanha financiou pesquisadores brasileiros para ensiná-la a lidar com o racismo. Isso é uma devolutiva. Foram vocês, alunos e alunas, que viraram essa chave. Quando eu falo assim, distanciando eu e vocês, é porque vocês são professores em formação na pós-graduação. Vocês ainda não são nem doutores e vocês conseguiram construir esse material! Isso é uma devolutiva. E quando a gente fala de decolonialidade, a gente tem que ter muito cuidado. Estamos falando de um movimento contra-hegemônico, mas ele não precisa ser necessariamente da América do Sul contra o Norte, não. Porque dentro do nosso próprio país, dentro da nossa própria instituição, também temos Norte e Sul. Tivemos uma arranhadura, vamos dizer assim, para escolher essa equipe. As pessoas questionaram: “como assim uma equipe de estudantes, se tem um monte de pesquisadoras que você conhece, um monte de gente importante, famosa, que você pode chamar para construir essa equipe?”. Mas quero dar oportunidade para as pessoas que estão começando, dar visibilidade a essas pessoas que já estão discutindo sobre isso, na base. Essa foi uma devolutiva decolonial em todos os aspectos. Hoje, enquanto espero o “emprego dos sonhos”, estou trabalhando também como professora de educação infantil. E aí vem a minha devolutiva. Quem tá formando a cabeça daquelas crianças de três anos de idade sou eu. Eu adoro criança, eu olho elas nos olhos e passo a minha energia dizendo: “olha, vocês vão ser, lá na frente, as pessoas que vão conviver com os meus filhos e netos e com as outras pessoas negras do Brasil e do mundo. Então, é a partir de mim, a partir do carinho que eu dou a vocês, que a cabeça de vocês vai abrir”. Como uma menininha que constantemente faz a mesma pergunta: “Ivi, por que você é tão marronzinha?”. Eu digo: porque meu pai é preto e minha mãe também. Mas isso não convence ela, porque ela quer saber de onde é que vem essa cor. Na cabeça dessa menininha, alguma coisa já abriu. Então, é outra devolutiva.

PALIMPSESTO

5) O ensino de alemão como língua adicional no Brasil ainda carrega forte marca eurocêntrica, centrada na branquitude. Na sua pesquisa, por outro lado você propõe uma

educação linguística afrocentrada e intercultural crítica. Na sua experiência, quais práticas pedagógicas movimentam-se nessa direção? Quais funciona(ra)m e quais não?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Como dito anteriormente, influenciou-me a equipe da Linguística Aplicada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA) na turma da pós-graduação, o professor Sávio Siqueira, a professora Marcia Paraquett, a professora Edleise Mendes, que foi minha orientadora do doutorado, a professora Ana Lúcia Silva Souza e o professor Henrique Freitas, que são do Programa de Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras/UFBA. Essas pessoas me ensinaram e me orientaram. Daí fui abrindo mais a minha mente para essa educação linguística crítica, que inclusive é uma linha de pesquisa ou mesmo uma temática muito forte nas pesquisas da professora Edleise Mendes. Desde os primeiros semestres da pós-graduação, no doutorado, a gente vem discutindo esses termos, artigos e pesquisas com ela, em suas disciplinas, no grupo de pesquisa LINCE (Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino/UFBA), do qual eu faço parte também. A maioria dos pesquisadores do LINCE vêm do PLE (Português como Língua Estrangeira), mas a gente também tem pesquisas em outras áreas, no inglês, no espanhol, e eu no alemão. Justamente como a professora Edleise trouxe esse termo da interculturalidade para área de Linguística Aplicada e em um dos seus últimos artigos (Mendes, 2022), no livro organizado pela professora Cristiane Landulfo, sobre a educação linguística crítica, eu trouxe também essa perspectiva para minha tese a partir das discussões conduzidas pela Catherine Walsh. Porque não é simplesmente discutir diferente culturas, não é comparar culturas. A interculturalidade é esse movimento em que a gente aprende com o outro e a gente traz essas discussões para as questões de gênero, de raça; a gente traz essas questões para o lado social e para o lado político. Assim, tentamos fazer esse movimento de discutir a relação entre culturas, fazendo-o também um movimento de integração, de não-exclusão. É um movimento político também. A forma que eu tenho visto de isso ser possível (inclusive, por isso falei anteriormente que tenho tentando trazer essa discussão para a Germanística) é que eu vi e vejo exemplos práticos de como isso funciona. Por exemplo, a professora Alyxandra Gomes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) faz esse trabalho na graduação com os alunos dela de inglês há muitos anos. Tinha cursos também que ela apoiava na internet através

do Instagram, o *Afro Class Collective*. A professora Kelly Barros faz um trabalho muito bom na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) também na área do inglês; trabalha lá com regiões quilombolas. A professora Joelma Santos, que é professora do IFBA e foi organizadora do livro *Black Matters matter* (2022), do qual eu sou também uma das autoras. Ela faz esse trabalho do Inglês com Raça já há muitos anos com seus alunos do Ensino Médio do Instituto Federal da Bahia em Simões Filho. A professora Ayala Tude tem o curso também de inglês afrocentrado pela internet, pelo Instagram. A professora Cristiane Landulfo (UFBA) publicou um livro com suas alunas, suas orientandas, sobre o italiano a partir do norte da África e o italiano negro, com autoras negras na própria Itália (Landulfo, 2024). A professora Deise Viana, que trabalha com espanhol a partir da América do Sul, também no Instituto Federal da Bahia (IFBA), com alunos da educação básica. Então, assim, são exemplos práticos que já funcionam há alguns anos. O próprio portal PPPL (Portal do Professor de Português Língua Estrangeira⁴) é gratuito, está na internet e tem muitos professores, do mundo todo, de países que trabalham com a língua portuguesa. Eles sobem suas unidades didáticas nesse portal e elas ficam acessíveis para todo mundo. É um portal muito bem organizado que pensa nessa relação de professores de países diferentes, de culturas diferentes, estarem centrados no mesmo objetivo: a difusão da língua portuguesa. Então, são exemplos práticos e exemplos que já existem há muitos anos. Hoje, a gente usa a palavra *devolutiva decolonial*, a gente usa decolonialidade, interculturalidade, porque a área da gente é uma área que adora criar expressões, mas esse movimento, essas atitudes, elas vêm muito antes dessas discussões do giro decolonial. O Paulo Freire já fazia esse giro há muito tempo, a Lélia González também, a Sueli Carneiro também. Essas são pessoas que já vêm nesse giro e nesse movimento há muitos anos, sem serem intitulados de interculturais e decoloniais, mas se é para usar o termo hoje, então eu vou usar, sim, porque se eu não usar esse termo como uma mulher negra, eu vou permitir que o branco use, passe a ser dono e queira falar sobre mim e de mim a partir desse termo, e isso a gente hoje não aceita mais.

⁴ Disponível em <https://ppple.org/>.

PALIMPSESTO

6) O ensino de alemão por uma perspectiva decolonial reivindica um olhar mais situado e culturalmente sensível, atento às interseccionalidades locais de raça, gênero, sexualidade e classe. Por outro lado, estabelece também relações interculturais a nível global com o alemão, e os demais países de língua alemã, e onde quer que a língua seja aprendida e falada. Como você enxerga essas relações locais e de que forma se articula com a decolonialidade?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

A gente falou um pouco, anteriormente, sobre o DACH. Então, eu só vou ampliar um pouco mais essa discussão, porque nós estamos falando sobre uma perspectiva decolonial. Vamos falar de uma forma local, vamos falar do alemão falado em outros países. Não vou me limitar à Áustria e à Suíça. Eu vou para a África do Sul, onde a gente tem alguns grupos que continuam falando a língua alemã. Vou me reportar para a Namíbia, que foi um país com história colonial com a Alemanha. É uma história muito brutal e muito triste, onde as tropas alemãs exterminaram alguns grupos étnicos na Namíbia. Mas hoje você encontra lá comunidades que falam a língua alemã. Vou também trazer o Quênia, em Nairóbi. Lá em grupos que também falam a língua alemã. E tem a história da Papua Nova Guiné, como eu falei anteriormente, na qual missionários alemães foram para lá. As crianças que foram “educadas” por esses missionários misturaram seus próprios idiomas com o alemão levado pelos missionários. Isso se tornou uma espécie de *pidgin*, uma espécie de língua crioula. É a única língua crioula alemã, essa língua falada nessa região. Temos pesquisadores da Universidade de Augsburg com artigos e publicações falando sobre essa língua crioula. Então, quando a gente for falar de um deslocamento do alemão da Alemanha, a gente vai para essas pessoas, vai considerar esses outros territórios. E mesmo dentro da própria Alemanha, hoje, por enxergar que o alemão é uma língua pluricêntrica, a gente já está fazendo esse giro decolonial. Estamos fazendo esse movimento porque, se você diz que o alemão não está centrado apenas na Alemanha, ele vai sair dos muros da Alemanha para ir para outros lugares e esses outros lugares não serão apenas a Suíça e a Áustria. Isso é que é fazer um deslocamento dessa língua, é fazer esse movimento rumo ao local.

PALIMPSESTO

7) Quando você diz Norte e Sul ou os muitos “Nortes” e “Suis” que existem, podemos também pensar nessa discussão que você está trazendo para a própria Alemanha. Escuta-se isso: essa pessoa fala alemão, mas não fala *Hochdeutsch* (alemão padrão), ela fala um “dialeto”. A própria designação *dialeto* já é excludente, como se aquilo que essas pessoas falam dentro da Alemanha não fosse uma língua, fosse menos complexo do que uma língua. O cidadão alemão pode verificar essa discriminação dentro do seu próprio território e isso pode ser uma chave também para ele começar a entender as questões aqui trazidas. Não precisa ir longe, à Namíbia, o que talvez seja esperar muito.

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Exato, quando proferi certa vez palestra para alunos em Jena, na Alemanha, a princípio, as pessoas alemãs que estavam ali naquela sala eram todas “de fato” alemãs, todas falavam alemão. Depois, quando comecei a falar sobre esses deslocamentos e a importância de entender esse Sankofa, a importância de valorizar a origem, aí eles começaram a tomar fôlego e coragem para dizer qual era a língua que se falava dentro de casa. Lembro que houve um depoimento de uma menina que disse que o irmão falava ainda a língua dos avós com os pais, mas ela, na geração depois, não falava mais. Acho isso triste, não tem nada a ver com conservadorismo e nacionalismo, mas são nossas histórias. É importante que a geração posterior não deixe isso fugir, porque a língua só é viva enquanto é falada. E uma língua morre, sim. A língua morre porque seus falantes morrem e porque outros falantes não deram mais importância para ela. Eu acho que depois daquele dia ela deve ter repensado se ela vai voltar a falar com os avós.

PALIMPSESTO

8) Quais mudanças você considera urgentes na formação docente em línguas e quais horizontes decoloniais você vislumbra para o futuro da educação linguística no Brasil?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Para o futuro da educação linguística no Brasil, acho que o mais importante ou um pontapé inicial é apoiar as políticas públicas para políticas linguísticas. A gente precisa fazer com que o MEC entenda e que os políticos entendam que o ensino de línguas precisa

ser urgente e acessível nos espaços das escolas públicas. Aqui, a discussão precisa ir adiante, independente de ser língua estrangeira, L2, língua-mãe, língua adicional, o que for, não importa. Porque tem situações em que vão ser línguas estrangeiras, tem situação em que vamos ter línguas adicionais, porque a gente tem o fato de o Brasil ser muito plural. Temos mais de 200 línguas indígenas. Elas são acessíveis a poucas pessoas. Muitas dessas línguas indígenas já morreram por falta de falantes. Precisamos ter uma política linguística mais fortalecida. Esse é o meu desejo para a educação linguística no Brasil, para que ela dê uma guinada: que as políticas públicas para políticas linguísticas sejam mais apoiadas, recebam mais verbas. Precisa ser uma política de governo, precisa ser lei. Não é só “Fica espanhol!”, não é só inglês como língua “estrangeira” nas escolas. Temos escolas públicas em regiões de fronteiras com os países da América do Sul em que hoje não tem nem aula de espanhol mais. Além disso, há as línguas locais, ou seja, as línguas indígenas locais. Para a formação docente, creio que as universidades que trabalham com formação de professores já estão fazendo esse movimento, se abrindo, mas a gente ainda tem muitos e muitas professores que, na prática, ainda não conseguem fazer esse deslocamento decolonial. Sobre os professores, penso na forma simbólica da chegada do presidente Lula e Janja no Planalto: o presidente subiu a rampa com várias representações do Brasil, desde pessoas deficientes, pessoas indígenas, catadores de lixo. Foram várias representações que subiram a rampa com o presidente. Eu só dou o recado, às minhas colegas, aos meus colegas, às universidades: é hora de descer da rampa e está na hora de entregar a caneta, sabe? Isso não vai diminuir ninguém, não vai tirar poder de ninguém, sem medo de ser feliz. Os protagonistas e as protagonistas dessa história são os nossos alunos e os nossos colegas que estão entrando na academia agora e que ainda encontram muita resistência. Racismo adoce tanto preto quanto branco. Então, como o racismo adoce as pessoas negras e adoce as pessoas brancas, a gente tem que procurar uma forma de trabalhar junto de maneira pacífica. Se eu estou dentro de uma dada universidade, eu quero que essa universidade cresça, então é branco e preto trabalhando junto. Não tem outra forma. Meu desejo para a formação de professores é esse, que o corpo docente da universidade entenda que está na hora de descer da rampa e está na hora de passar a caneta.

PALIMPSESTO

9) Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

IVANETE DA HORA SAMPAIO

Quero dizer que achei as perguntas bem interseccionais. Isso também me deixa confortável, é tudo muito positivo. Porque existe sempre uma tendência, por eu ser uma mulher negra, de que eu tenha que falar sempre sobre racismo. Nessa questão de falar sempre sobre racismo, as pessoas esquecem que eu sou professora de alemão. Eu sou uma doutora em Linguística Aplicada, ou seja, em língua e cultura. Eu não sou professora de assuntos negros, não sou doutora em questões raciais. Portanto, não me reduzam a falar apenas sobre raça por eu ser negra, ou sobre gênero, porque eu sou mulher. Eu sou muito mais do que isso. Então, gostei que vocês fizeram as perguntas dessa forma, porque essas perguntas me deixaram mais à vontade para trazer tanto o tema de raça, quanto de gênero, em uma interseccionalidade da forma como eu quisesse. E isso foi respeitoso.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (Orgs.) *Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOETHE-INSTITUT. Quem somos. *Goethe-Institut Brasil*, 2025. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/ueb.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

LANDULFO, Cristiane. *Afroitalianæ. Corso di lingua italiana in prospettiva decoloniale*. Pedro & João Editores, 2024. ISBN 978-65-265-1513-6. E-book.

MENDES, Edleise. Educação linguística intercultural. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 123-133.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario T.; HASHIGUTI, Simone T. Decolonialidade e(m) Linguística Aplicada: Uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. *Polifonia*, v. 29, n. 53, p. 149-177, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/14865>. Acesso em: 1 set. 2024.

SANTOS, Joelma (Org.). *Black Matters Matter*. 1. ed., Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2022. ISBN 978-65-5630-453-3.

Ivanete Sampaio da Hora: Doutora em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras (PPGLinC/ILUFBA), na área de Linguística Aplicada, como bolsista CAPES. Realizou doutorado-sanduíche no Leibniz-Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft (ZAS), em Berlim, e é mestre em Pedagogia pela Ludwig-Maximilians-Universität München (LMU), Alemanha. É graduada em Letras Vernáculas com Inglês e em Educação Física (Universidade Católica do Salvador), com especialização em Ensino Universitário (Faculdade de Educação da Bahia - Olga Mettig). Atuou como professora de alemão no Instituto Cultural Brasil-Alemanha/Goethe-Institut Salvador e como professora substituta de alemão no Instituto de Letras da UFBA. Integra a Associação de Pesquisadores Negros da Bahia (APNB), a Rede de Pesquisadores Negres de Estudos da Linguagem (REPENSE) e os grupos de pesquisa LINCE (Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino/UFBA) e GEPELAB (Grupo de Estudos e Pesquisa de Ensino de Língua Alemã no e do Brasil/UFSC). ivanetedahora@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4604-4776>

José Mauro Ferreira Pinheiro: Doutorando e mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e graduado em Letras: Português/Inglês pela UFRJ. Foi professor substituto de alemão na UFRJ e aluno visitante na Friedrich-Schiller-Universität Jena, como bolsista do DAAD. Pesquisa ensino de alemão como língua adicional, metáforas, comunicação digital e elaboração de materiais didáticos em perspectiva decolonial. Integra o Núcleo de Estudos Língua(gem) em Uso e Cognição (NELUC/UERJ) e colabora no grupo FLinKUS (Forschendes Lernen zum Sprachsensiblen Fachunterricht in Kollaborativen Unterrichts- und Schulentwicklungsprozessen) da FSU-Jena. maurorodaviva@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1087-6551>

Laura Fraga Maia: Mestranda em Linguística Aplicada no PIPGLA/UFRJ e graduada em Letras: Português-Alemão pela mesma universidade. Pesquisa decolonialidade no ensino-aprendizagem de línguas adicionais, com foco na elaboração local de materiais didáticos. Leciona no Colégio Cruzeiro Centro, além de colaborar em projetos da APA-Rio (Associação de Professores de Alemão do Rio de Janeiro) / BraDLV e do DAAD. fragamaia@letras.ufrj.br | <https://orcid.org/0009-0006-1400-3714>